

O ENSINO DAS CULTURAS INDÍGENAS NAS ESCOLAS: A ABORDAGEM OBSOLETA SOBRE OS NATIVOS NOS LIVROS DIDÁTICOS

Marinês Cavalcante da Silva¹

Universidade Estadual da Paraíba

marinesfreire@hotmail.com

Viviane de Fátima Aquino²

Universidade Estadual da Paraíba

Viviane.f.Aquino@gmail.com

RESUMO:

Por muitos anos, a população nativa brasileira sofreu inúmeras repressões. Nossa história nos mostra, que as repressões sofridas por esses povos, se deram tanto de forma física, como na forma cultural. Tais repressões vieram, como sabemos, de um grupo da sociedade, que, impregnados de seus conceitos de civilização, menosprezou essa população, através de um sentimento de intolerância para com o outro. Sabemos, porém, que ao passar dos anos, a realidade social vivida por esse contingente, foi se modificando, devido a interação desses povos com as tecnologias, e as populações não indígenas. Entretanto, a imagem que se construiu do índio em todo percurso da história, continua sendo reproduzida sem modificações, esse contingente continua sendo visto apenas de forma subjugada, e “bárbara”, e pior, esses estereótipos continuam sendo reproduzidos nos livros didáticos, o que acaba gerando o comprometimento do ensino adequado das culturas indígenas nas escolas. Nosso objetivo aqui é mostrar como os índios continuam sendo representados de forma estereotipada nos livros didáticos.

¹Graduanda em História pela Universidade Estadual da Paraíba. Pesquisadora do PIBIC/CNPQ.

² Graduada em História pela Universidade Estadual da Paraíba. Pesquisadora do PIBIC/CNPQ.



Utilizamos em nossas pesquisas, análises de livros didáticos atuais, e bibliografias referentes ao tema. Aderimos como embasamento teórico, discussões feitas por Circe Bittencourt, Jaime Pinsky, Michel De Certeau, dentre outros. Contudo, concluímos que é preciso que a história imposta sobre a população nativa seja remodelada, e que os livros didáticos tragam novas discussões sobre as realidades vividas por essas populações hoje, e não se prendam apenas a história do passado.

Palavras-chaves: Ensino de história; Cultura indígena; Livro didático.

ABSTRACT:

For many years, the native Brazilian population suffered with many repressions. Our history shows us, that the repressions these people had to pass were in physic form, and in their cultural form. They came from a group of the society, through a feeling of intolerance with the other one. But, it's knowing that with the past years, the social reality lived for this contingent was changing, because the interaction of these folk with the technologies, and the non-native population. However, the image that was built of the indigenous through all the history time, has been kept and reproduced without modifications, this contingent keep been reproduced in didactic books, the result of it is that the compromising of the teaching adequate to the indigenous culture in the schools has been broken. Our objective is to show how the native indigenous keep been represented using a stereotype form in the didactic books. We used in our searches, a profound analysis of actual didactic books, and biography that refers to the theme. To the theory base, we adhere to many discussions done for Circe Bettencourt, Jaime Pinsky, Michel of Certau and other ones. However, the conclusion is that, it's need to the imposed history about the native population pass to a remold, and the didactic books need to discuss about the reality lived to these population nowadays, and don't stop arrested in the past history.

Key-Words: History Teaching, Indigenous Culture, Didactic Book.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho faz uma análise sobre a imagem construída dos nativos brasileiros nos livros didáticos. A escolha do tema é fruto de uma preocupação com as consequências que podem ser geradas a partir de um ensino altamente ultrapassado sobre a temática indígena, e cheio de estereótipos. Uma vez que, o livro didático é o recurso mais utilizado nas escolas, e é através dele, que o aluno adquire informações que servem de base para a construção de seu conhecimento (MARIANO, 2006).

É proveitoso lembrar, que, com a chegada dos europeus na América, um número considerável de interpretações sobre os povos aqui encontrados foram naturalmente construído. O olhar de receio para com os “estranhos” habitantes perante a nova terra foi bastante relatado pelos cronistas deste período. O que se tinha, porém, era a visão do considerável de interpretações sobre os povos aqui encontrados, foi naturalmente outro a partir do que se conhecia em aspectos sociais, políticos e culturais, que eram refletidos nesses relatos, como explica Michel de Certeau:

Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção socioeconômico, político e cultural. Implica um meio de elaboração circunscrito por determinações próprias: uma profissão liberal, um posto de observação ou de ensino, uma categoria de letrados, etc. Ela está, pois, submetida a imposições, ligada a privilégios, enraizada em uma particularidade. É em função deste lugar que se instauram os métodos, que se delineia uma topografia de interesses, que os documentos e as questões, que lhes serão propostas, se organizam. (CERTEAU, 2011, p 47.)

Assim como nos mostrou brilhantemente Michel de Certeau, o fazer histórico se constitui numa atividade de imensa complexidade. A elaboração de um texto historiográfico nunca é totalmente isenta de parcialidades que agem na sua formatação, mesmo que as práticas de produção estejam diagramadas no sentido de fazê-lo emergir como um documento confiável e pronto a emitir verdades compromissadas com o factual. A própria noção de verdade, certamente, está atrelada às disposições culturais e sociais que o cercam.



No período da chegada dos portugueses ao Brasil, o compromisso com os fatos não era prioridade para os narradores vindos da Europa. A carta de Pero Vaz de Caminha exemplifica bem como as tradições culturais de quem escreve, aliadas ao querer fazer história, trazem uma noção distante da realidade, no que toca aos fenômenos da natureza e a vida dos nativos aqui residente à época. Jaime Pinsky nos diz que:

Nessa fase, criaram-se mitos sobre as culturas indígenas que se mantêm até hoje e que não têm qualquer comprovação etnográfica, como a prática da antropofagia, a preguiça, a desorganização social, o primitivismo técnico e assim por diante. Essas concepções ficaram a tal ponto arraigadas, de tal maneira elas continuam sendo reproduzidas pelos manuais didáticos, que se torna difícil mostrar aos estudantes que são falácias, visões decorrentes de uma visão ideológica. (PINSKY, 2012, p. 12.)

Desse modo, percebemos que a maneira como o nativo foi enxergado ao longo da história do Brasil, é certamente um produto da escrita do outro. E, além disso, perdendo gradativamente o seu espaço de exposição de si. Suas tradições milenares se perderam entre os planos civilizatórios europeus. Quanto ao ensino de História no Brasil, este passou por adequações ao longo dos anos, principalmente na segunda metade do século XX, no sentido de dar o devido espaço às abordagens nativas nos currículos ministrados nas escolas públicas e privadas do Brasil, no entanto, essa visão estereotipada que se construiu do nativo, perpassa gerações, e é alimentada nas escolas através de discussões ultrapassadas dos livros didáticos.

METODOLOGIA

Foi como reflexo dessa observação, que resolvemos analisar alguns manuais didáticos, buscando perceber quais paradigmas sobre o nativo americano neles estavam presentes, tendo em vista que segundo Circe Bittencurt o livro didático trata-se de

uma mercadoria, um produto do mundo da edição que obedece a evolução das técnicas de fabricação e comercialização pertencentes aos interesses do

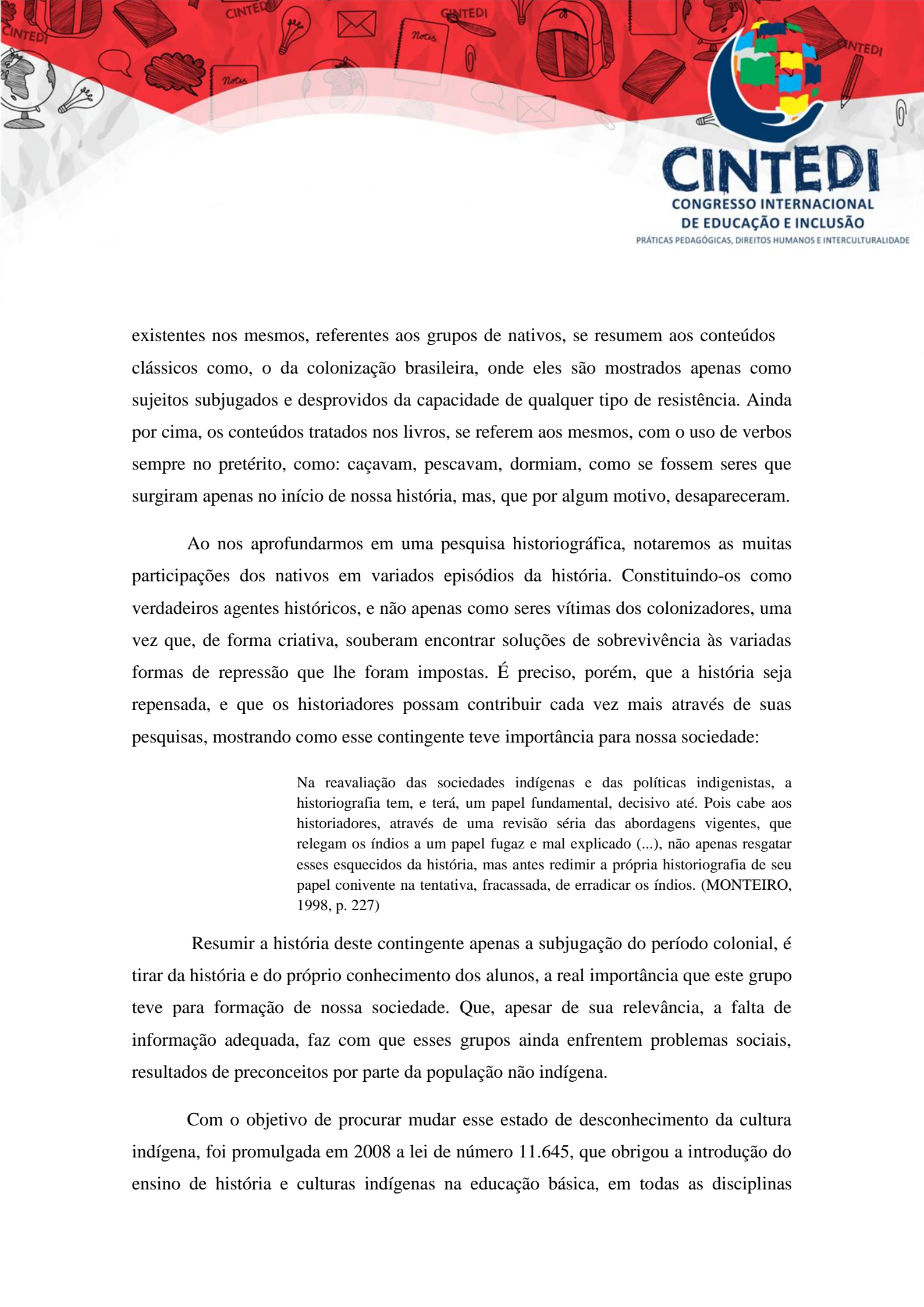
mercado, mas é também um depositário dos diversos conteúdos educacionais, suporte privilegiado para se recuperar os conhecimentos e técnicas consideradas fundamentais por uma sociedade em determinada época. (Bittencurt apud Filgueiras, 2006, p.95)

Logo o livro didático se configura em uma importante fonte histórica, portador de ideologias e, portanto não se trata de algo neutro, mas construtor de interpretações. Inúmeros são os discursos atrelados a constituição do livro didático, no caso dos nativos americanos, observamos fortemente, por exemplo, o caso da dita democracia racial, entre outros discursos que trabalharam na cristalização de um nativo folclorizado que se torna alvo de uma interpretação abstrata e preconceituosa. Dessa forma, sabendo como nos diz Chartier: “que um texto só existe se houver um leitor que lhe dê significado”. (1999, p.11) Buscamos analisar o contexto de recepção na sala de aula do conteúdo referente ao nativo americano nos manuais didáticos e como este conteúdo é apresentado nestes mesmos manuais.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Como podemos observar na historiografia nacional e internacional, o contingente nativo, denominado até hoje de “índios”, sofreram várias repressões físicas e culturais no início da formação de nossa sociedade e de nossa história. No entanto, essa população não se congelou ao passado. Hoje, segundo dados do IBGE, existem cerca de 230 sociedades nativas, diferentes entre si, na língua, e em variadas práticas. Aumentando assim, nossa diversidade cultural, e as dificuldades de saber lidar com elas, como ocorre em alguns âmbitos da sociedade, como é o caso da escola. Onde cada vez mais, seu caráter homogeneizante não consegue dá conta desta diversidade. (SILVA, 2013).

No geral, nas escolas brasileiras, mais especificadamente de ensino básico, a temática da cultura indígena eram, ou ainda são, trabalhadas em períodos próximos ao dia do índio. Como podemos observar também em muitos livros didáticos, as discussões



existentes nos mesmos, referentes aos grupos de nativos, se resumem aos conteúdos clássicos como, o da colonização brasileira, onde eles são mostrados apenas como sujeitos subjugados e desprovidos da capacidade de qualquer tipo de resistência. Ainda por cima, os conteúdos tratados nos livros, se referem aos mesmos, com o uso de verbos sempre no pretérito, como: caçavam, pescavam, dormiam, como se fossem seres que surgiram apenas no início de nossa história, mas, que por algum motivo, desapareceram.

Ao nos aprofundarmos em uma pesquisa historiográfica, notaremos as muitas participações dos nativos em variados episódios da história. Constituindo-os como verdadeiros agentes históricos, e não apenas como seres vítimas dos colonizadores, uma vez que, de forma criativa, souberam encontrar soluções de sobrevivência às variadas formas de repressão que lhe foram impostas. É preciso, porém, que a história seja repensada, e que os historiadores possam contribuir cada vez mais através de suas pesquisas, mostrando como esse contingente teve importância para nossa sociedade:

Na reavaliação das sociedades indígenas e das políticas indigenistas, a historiografia tem, e terá, um papel fundamental, decisivo até. Pois cabe aos historiadores, através de uma revisão séria das abordagens vigentes, que relegam os índios a um papel fugaz e mal explicado (...), não apenas resgatar esses esquecidos da história, mas antes redimir a própria historiografia de seu papel conivente na tentativa, fracassada, de erradicar os índios. (MONTEIRO, 1998, p. 227)

Resumir a história deste contingente apenas a subjugação do período colonial, é tirar da história e do próprio conhecimento dos alunos, a real importância que este grupo teve para formação de nossa sociedade. Que, apesar de sua relevância, a falta de informação adequada, faz com que esses grupos ainda enfrentem problemas sociais, resultados de preconceitos por parte da população não indígena.

Com o objetivo de procurar mudar esse estado de desconhecimento da cultura indígena, foi promulgada em 2008 a lei de número 11.645, que obrigou a introdução do ensino de história e culturas indígenas na educação básica, em todas as disciplinas



escolares, principalmente as de história, geografia, artes e literatura. A partir desta lei, surge então outra problemática relativa ao tema.

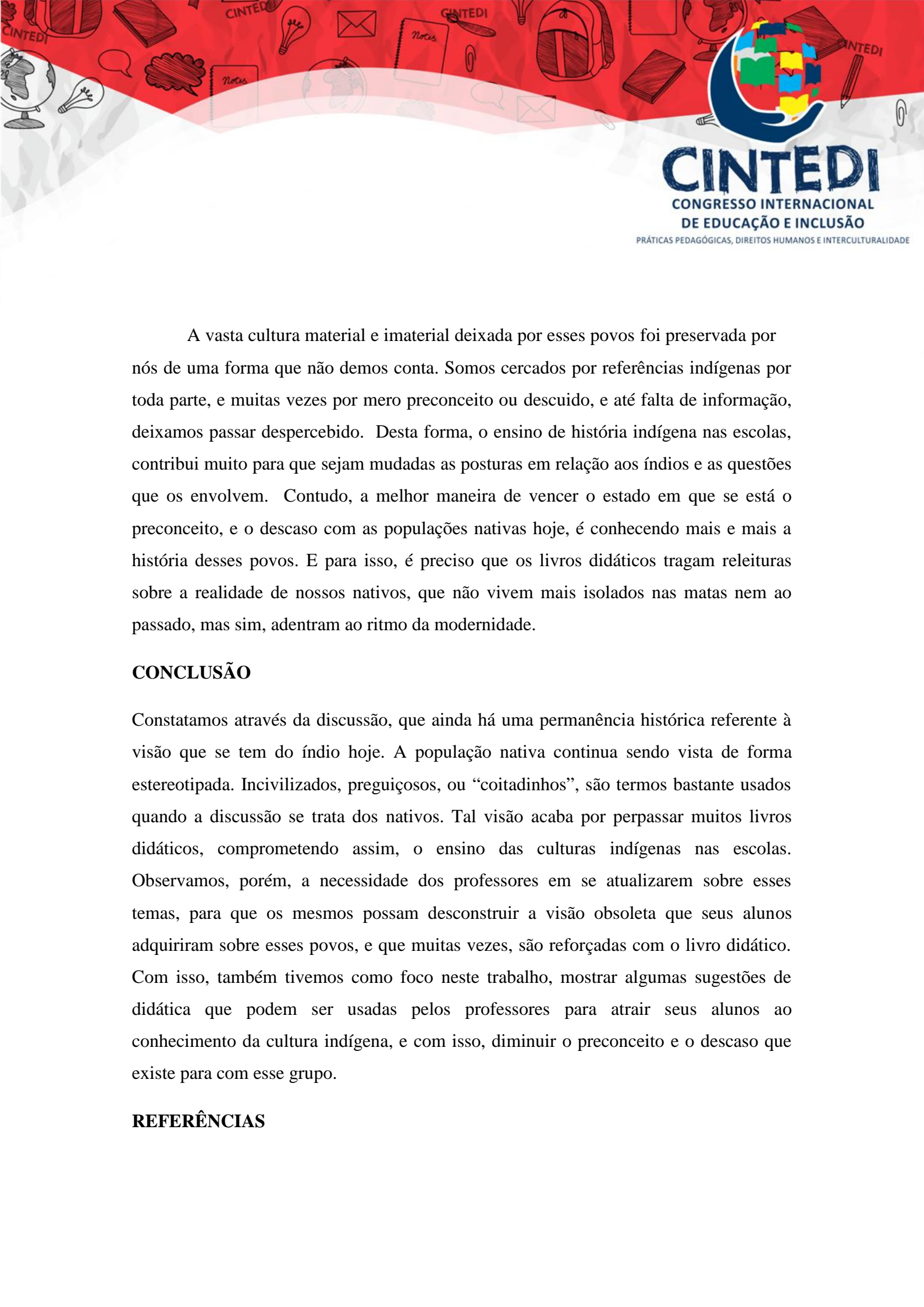
Como se encontra a capacitação de nossos professores para ministrarem as aulas recomendadas com essas novas abordagens? Temos materiais adequados para que os professores baseiem-se e ministrem suas aulas? Segundo alguns profissionais da educação, a falta de material adequado já não é mais o problema. Atualmente, a facilidade de acesso a livros, CDs, filmes, documentários, entre outros meios, é enorme (SILVA, 20013). Além de boas literaturas infantis que podem servir de bases para esses estudos. Sem contar que, na internet, vários sites de confiança como o da FUNAI, disponibilizam informações convenientes sobre o tema. Porém, cabe a figura do professor ir à busca da melhor maneira que lhe convém, para dispor de algum desses materiais e efetuar sua discussão em sala de aula (GOMES, 2012). Todos esses recursos ajudam a diminuir o preconceito e estereótipos que a sociedade formou sobre as populações indígenas, e que os livros didáticos de certa forma reproduzem, concretizando ainda mais esses estereótipos.

Um dos maiores equívocos cometidos pela sociedade não indígena é considerarem a existência de índios “puros” e não “puros” devido ao fato de que os descendentes indígenas contemporâneos a nós, usarem objetos modernos como celulares e televisão, sendo assim, considerados por muitos como índios “aculturados”. Essa concepção negligenciada da sociedade sobre os índios hoje, esquece que seria impossível não haver uma interação de práticas culturais e consumistas depois de 500 anos de contato com a sociedade não indígena. O fato de um índio usar um celular hoje deve ter o mesmo sentido do ato de tomarmos banho todos os dias. Esperar dos índios de hoje, o mesmo comportamento que possuíam seus ancestrais no período da colonização, é uma atitude completamente ingênua.

Essa concepção formada sobre os nativos é um dos fatores que contribui para o desafio de ensinar a cultura indígena hoje nas escolas, uma vez que, os alunos já chegam às escolas com um modelo de índio já formado em suas mentes. E que, como já falamos, essa concepção se torna reforçada ainda mais com os livros didáticos. Porém, fica sob a responsabilidade do professor, buscar recursos para atrair a atenção do aluno, e, baseados em bons materiais didáticos, reconstruir a ótica do aluno sobre o índio (GUIMARÃES, 2008).

Para sala de aula, o professor poderia levar alguns aspectos que caracterizam os nativos, como alguns mitos, que podem ser até encontrados em literaturas. A partir da amostra do mito à turma, o professor ficaria responsável em destacar do mesmo, aspectos da sociedade, do modelo de administração indígena, rituais, curiosidades, dentre outros. Para que depois de ter atraído a atenção dos alunos, ele possa comparar os aspectos destacados, com as relações e situações atuais em que vivem esses povos. Outros recursos atrativos também poderiam ser usados, como as músicas, e as danças. Onde, estas aulas, certamente seriam muito bem aproveitadas, por serem diferentes das que os alunos já estão acostumados.

Independente da quantidade de índios considerados “puros” ou “impuros”, existente ainda em nossa sociedade, o que deve ser ensinado nas escolas, e compreendido por toda a população, é não só os reais problemas de exclusão, repressão, e subjugação que enfrentaram e enfrentam esse contingente aqui no Brasil, mas também ressaltar o legado cultural que essa população deixou para nós. Legado este que pode ser notado ‘em pequenos hábitos, como tomar banho e dormir em redes (GOMES, 2012). Além de hábitos alimentares, com o consumo de vários legumes e raízes. Sem falar do legado lingüístico, onde sem percebermos, usamos ao dia, várias palavras de origem tupi, como Paraná, e jabuti.



A vasta cultura material e imaterial deixada por esses povos foi preservada por nós de uma forma que não demos conta. Somos cercados por referências indígenas por toda parte, e muitas vezes por mero preconceito ou descuido, e até falta de informação, deixamos passar despercebido. Desta forma, o ensino de história indígena nas escolas, contribui muito para que sejam mudadas as posturas em relação aos índios e as questões que os envolvem. Contudo, a melhor maneira de vencer o estado em que se está o preconceito, e o descaso com as populações nativas hoje, é conhecendo mais e mais a história desses povos. E para isso, é preciso que os livros didáticos tragam releituras sobre a realidade de nossos nativos, que não vivem mais isolados nas matas nem ao passado, mas sim, adentram ao ritmo da modernidade.

CONCLUSÃO

Constatamos através da discussão, que ainda há uma permanência histórica referente à visão que se tem do índio hoje. A população nativa continua sendo vista de forma estereotipada. Incivilizados, preguiçosos, ou “coitadinhos”, são termos bastante usados quando a discussão se trata dos nativos. Tal visão acaba por perpassar muitos livros didáticos, comprometendo assim, o ensino das culturas indígenas nas escolas. Observamos, porém, a necessidade dos professores em se atualizarem sobre esses temas, para que os mesmos possam desconstruir a visão obsoleta que seus alunos adquiriram sobre esses povos, e que muitas vezes, são reforçadas com o livro didático. Com isso, também tivemos como foco neste trabalho, mostrar algumas sugestões de didática que podem ser usadas pelos professores para atrair seus alunos ao conhecimento da cultura indígena, e com isso, diminuir o preconceito e o descaso que existe para com esse grupo.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.

FILGUEIRAS, Juliana Miranda. **A educação moral e cívica e a sua produção didática: 1969-1993**. São Paulo, Pontifícia Universidade de São Paulo, 2006.

GOMES, Luana Barther. **A temática indígena na escola**: ensaios de educação intercultural. Currículo sem fronteiras. jan. de 2012.

GUIMARÃES, Francisco Alfredo Morais. **A temática indígena na escola**: Onde está o espelho? Revista Fórum, 2008.

MONTEIRO, Nayara Rodrigues Cordeiro. **A representação sobre os índios nos livros de história do Brasil**. João Pessoa-PB. Universidade Estadual da Paraíba, 2006.

PINSKY, Jaime. **O ensino de história e a criação do fato**. 14. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

SILVA, José Giovani. **Todo dia é dia de índio**: o ensino de história e das culturas indígenas na educação básica é repleto de desafios, mas também de possibilidades. Revista de História da Biblioteca Nacional. jul. de 2013.